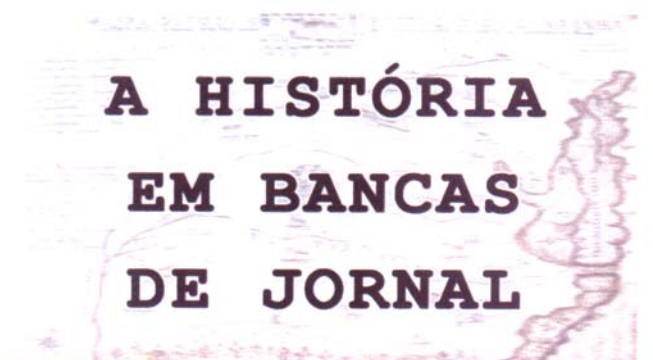




ECLÉTICA 2005

Publicação eventual do Departamento de História/FFLCH/USP



A HISTÓRIA EM BANCAS DE JORNAL

Responsável: Profa Dra. Raquel Glezer
Monitora PAE - Estágio de Preparação Pedagógica: Silene Ferreira Claro
Trabalho de curso da disciplina Teoria da História I
0401 - Noturno - 1º. Sem. 2005.

A HISTÓRIA EM BANCAS DE JORNAL

Raquel Glezer¹

Introdução

As experiências dos professores das disciplinas teórico-metodológicas em curso de História, bacharelato ou licenciatura, podem ser generalizadas, pois usualmente enfrentam incompreensões por parte do alunado e de colegas. Não importam as denominações: Introdução aos Estudos Históricos ou Metodologia da História; Filosofia da História; Teoria da História; História da Historiografia... Afinal, para que elas servem? O que fazem em um currículo sobrecarregado?

As outras disciplinas obrigatórias de um curso de História possuem conteúdo definido por espaços geográficos (América, Brasil, África, Ásia), ou recorte cronológico (História Antiga, História Medieval, História Moderna, História Contemporânea). O recorte cronológico ainda se impõe ao recorte geográfico, apesar dos questionamentos apresentados nos últimos trinta anos, a partir da obra de Chesneaux² sobre o uso ideológico da periodização. As disciplinas optativas se organizam por temas, processos explicativos, fontes ou campos historiográficos.

Diversamente, as disciplinas teórico-metodológicas deslocam-se em espaços e tempos variados, pois podem se articular por conceitos, teorias explicativas, formulações teóricas de processos históricos, análises historiográficas de autores, temas relevantes, questões significativas ou momentos marcantes... quase sempre fugindo ao recorte espacial e/ou ao cronológico.

Para os alunos, as disciplinas teórico-metodológicas se apresentam como um conjunto complexo. Têm dificuldade de reconhecer nelas o que conhecem como História, isto é, o campo de conhecimento que aprenderam a reconhecer como tal nos livros didáticos, manuais acadêmicos e livros dos historiadores. As discussões sobre o que são documentos, fatos históricos, fontes, memórias, monumentos, os questionamentos sobre os conceitos nos livros escritos pelos historiadores, ou os debates sobre os usos de cultura material, cultura imaterial, história oral, memória social, micro-história e macro-história, genealogia, memória local se apresentam como complicações do que aparenta ser simples e conhecido.

Qual a finalidade de uma disciplina como Teoria da História no processo de formação de um profissional da história? As reflexões que são propostas aos alunos têm qual finalidade? As respostas podem ser tão múltiplas como o campo: conhecer a História da História; perceber como o campo dos estudos históricos foi formado e quais as transformações que sofreu; aprender a reconhecer os conceitos e as teorias que embasam os trabalhos dos historiadores, identificar os pressupostos da seleção de temas, fatos e dos arranjos dos conteúdos. De forma sintética, reconhecer que o conteúdo da história que encontram nos livros é um produto cultural datado (linguagem, conceitos, preconceitos), da mesma maneira que os textos que produzem em seus trabalhos.

Para nós, professores nestas disciplinas, as questões teóricas devem fundamentar os trabalhos dos historiadores, quer os de pesquisa em campo, não importando o tipo de fonte explorada - arquivística, bibliográfica ou de história oral, quer os de análise historiográfica sobre as obras de historiadores, nas variadas formas que podem assumir.

¹ Profa. Titular Teoria da História e Metodologia da História/Departamento de História/FFLCH/USP; e-mail: raglezer@usp.br.

² Cf. Jean Chesneaux. *Du passé faisons table rase?: a propos de l'histoire et des historiens*. Paris: F. Maspero, 1976; trad. brasileira *Devemos fazer tabula rasa do passado? Sobre a história e os historiadores*. São Paulo: Ática, 1995.

Tais questões estavam em nosso horizonte de preocupação quando propusemos aos alunos matriculados na disciplina Teoria da História I – 0401 - Noturno, no primeiro semestre de 2005, cujo programa havia sido formulado com o objetivo de possibilitar uma visão panorâmica de algumas formas de reflexão sobre a história até o início do século XX, com aulas teóricas e leituras de textos de alguns autores clássicos, algo a mais: um trabalho empírico, levando em consideração as restrições e limitações aos alunos dos cursos noturnos: biblioteca em horário restrito; arquivos, centros de documentação e museus fechados, nos horários que os alunos poderiam dispor para alguma atividade extra classe.

Que material poderia ser utilizado, que estivesse acessível e cujas informações complementares pudessem ser localizadas por quem cumpre oito horas de trabalho diárias em cinco dias por semana? A nossa proposta foi a de explorar um material recente, visível e de fácil aquisição, que existe e se oferece nas bancas de jornal – as revistas de divulgação de história, em suas múltiplas apresentações e em seus variados níveis de formulação.

Temos a certeza que nem todas as publicações existentes foram exploradas, pois tal não era a intenção da proposta, que tinha como objetivo proporcionar aos alunos quase todas as etapas de um projeto de pesquisa, a partir da seleção de fonte e temas de interesse dos autores dos trabalhos, que foi respeitada, quer pela possibilidade de acesso³. Apesar da vasta rede de bancas de jornal existentes na área metropolitana, nem todas contém exatamente o mesmo conjunto de publicações, dependendo do local em que estão e da clientela a que atendem.

Em complementação

Depois dos trabalhos de pesquisa e redação realizados e entregues, na fase de preparação e edição digital para inserção no sítio (www.raquelglezer.pro.br), encontramos na rede algumas referências sobre o mesmo assunto, como a indicação do trabalho de Iniciação Científica na Faculdade Cásper Libero de Marcela Rosa Mastrocola, denominado “Aventuras na História: intermediários culturais, mercado editorial e cultura de consumo”⁴, em nota, sem data, acesso ao texto ou resumo. E o texto de Thathiana Murillo, datado de 05.12.2004, com o título de “*Páginas do passado: o boom das revistas de História*”, no qual a autora traça um histórico das revistas de história de divulgação em vários países e o início de tais periódicos do Brasil, a partir de 2003⁵.

Não consideramos a nossa pesquisa exaustiva e é possível que existam outros estudos sobre o mesmo tipo de material.

³ Os trabalhos, de modo previsível, concentraram-se nas revistas com maior facilidade de acesso: *Nossa História*, *História Viva*, *Aventuras da História*. Outras publicações foram também localizadas e selecionadas pelo interesse dos alunos. Ao menos uma publicação não foi explorada - a *Brasilis*, da editora Atlântica, do Rio de Janeiro, coordenada por Luis Felipe Baeta Neves. Ela era inicialmente vendida por assinatura, e só conhecemos os dois números iniciais. O sumário deles pode ser encontrado no sítio: <http://atlanticaeditora.com.br/>.

⁴ No sítio www.facasper.com.br/cip/iniciativa: “tema: Estudo sobre o fenômeno das revistas de história no contexto da hipermodernidade, com base na análise da publicação *Aventuras na História ...*”; e-mail: marcelamastrocola@gmail.com.

⁵ Thathiana Murillo. *Páginas do Passado: o boom das revistas de História*, datado de 12.05.2004, no sítio O cisco, <http://www.ocisco.net/thati10.htm>; e-mail thathanamurillo@uol.com.br.

1. Enfrentar os preconceitos

A seleção do material para ser pesquisado decorreu de sua facilidade de acesso, por um lado. Em nossos dias, a história está nas bancas de jornal, em formas variadas. Está nos jornais diários - que são uma das fontes para a história do tempo presente e para a história contemporânea; nas revistas semanais e/ou mensais de viés informativo ou analítico de variadas tendências políticas; nas coleções de obras clássicas para divulgação – como a coleção ‘Os Pensadores’ ou a coleção ‘Pensadores Brasileiros’. Seleccionamos uma materialidade específica - as revistas de temas históricos, voltadas para o público consumidor não-especializado.

A multiplicidade de periódicos e publicações de assuntos variados nas bancas de jornal é indicativo de alguns processos característicos da sociedade contemporânea pós-industrial: a ampliação do público leitor, decorrente dos processos de urbanização e alfabetização; a ampliação do acesso ao conhecimento; o atendimento pelas empresas editoras de todas as áreas de interesse do público leitor, em suas múltiplas identidades sociais⁶. Este foi o outro elemento fundamental para a escolha do objeto – a possibilidade de captar um fenômeno social ‘quente’, em sua concretização, na vivência do processo, que precisa ser analisado e compreendido. Em nossos dias, a diversificação da mídia impressa, em miríades de pequenas empresas gráficas – algumas das quais de vida curta, ao lado dos conglomerados de empresas gráficas e das de mídias, soma-se ao complexo jogo dos cruzamentos de todas as mídias – imprensa, cinema, televisão, eletrônicas, digitais...

Lembremos também que em nossos dias há associações entre empresas, para atingir determinados segmentos do público, com a criação de marcas novas, ocultando a empresa principal e dificultando o acompanhamento das questões mercadológicas.

Alunos de graduação estão acostumados com a leitura de textos selecionados por professores – capítulos de livros e/ou artigos publicados em periódicos acadêmicos, cujos padrões correspondem aos parâmetros da comunidade científica. Não há a preocupação com o perfil da publicação, pois a responsabilidade de seleção é do professor. A valoração realizada é pela especialidade do autor, respeitabilidade da revista, reconhecimento da instituição que a publica - todos elementos de identificação de comunidade científica e de reconhecimento entre pares.

As próprias revistas acadêmicas se transformaram, no decorrer do século XX, de recurso informativo e quase que exclusivamente erudito, em fontes reconhecidas para os trabalhos historiográficos, e hoje são objetos de pesquisa para análises de conteúdo, que variam conforme as orientações dos campos historiográficos.

Por outro lado, raramente o material de vanguarda do conhecimento, o da ‘literatura cinza’⁷ é utilizado, mantendo-se como exclusividade do circuito especializado e restrito dos pesquisadores.

No país, há crescente desenvolvimento do campo de pesquisa sobre a história do livro e da leitura⁸. As revistas de literatura, de educação e as semanais gerais têm recebido

⁶ Sobre as identidades sociais contemporâneas, ver Serge Moscovici. *Representações sociais*. Investigações em psicologia social. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

⁷ Literatura não convencional, conhecida por ‘literatura cinza’ (teses, folhetos, anais, proceedings, relatórios de pesquisas, notas técnicas, indicadores de ciência e tecnologia, preprints, publicações seriadas e trabalhos não publicados). Cf. <http://www.ige.unicamp.br/site>.

⁸ Ver: a) sitio: www.livroehistoriaeditorial.pro.br/, do I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial, realizado entre 8 e 11 de novembro de 2004, na Casa de Rui Barbosa, na cidade do Rio de

atenção sistemática desde a década de setenta do século XX, vasto material que pode ser encontrado nas bibliotecas. Contudo, são escassos os estudos analíticos sobre as revistas de história no país, com exceção dos estudos sobre o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que utilizam o seu periódico, o mais antigo do país, datado de 1838, mais como fonte sobre a instituição do que como objeto de análise⁹.

A proposta de analisar as publicações encontradas em bancas de jornal foi, por alguns alunos, questionada pelo fato de não ser este um material ‘respeitável’. A desqualificação é devida ao fato de revistas comerciais não terem a mesma estrutura formal dos periódicos acadêmicos, principalmente a revisão por pares. E que os artigos não poderiam ter conteúdo acadêmico e ser resultado de trabalho de pesquisa de historiadores. A maior crítica foi que as revistas comerciais tinham como alvo um público genérico e não-especializado. Afinal, trabalhar com ‘material de divulgação ou vulgarização’ não era um trabalho adequado aos historiadores em formação¹⁰.

No decorrer da pesquisa, mesmo os alunos mais renitentes acabaram mudando de opinião, pois conseguiram verificar que entre as revistas para o grande público existem níveis diferenciados de informação, apresentação de resultados de pesquisa, debates sobre questões de momento e um trabalho de apresentação ao público de textos escritos por historiadores. O conteúdo apresentado depende do público visado pela revista.

2. A popularização da cultura

O fenômeno do público consumidor de produto cultural oferecido em bancas de jornal no Brasil data dos anos sessenta do século XX, quando a Editora Abril¹¹ lançou edições de obras em fascículos, mas continuou mantendo-se basicamente como uma editora de histórias em quadrinhos infantis e juvenis, e, de publicações românticas destinadas a adolescentes e mulheres jovens, vendidas em bancas. Na área específica da História, a primeira foi a coleção ‘Grandes Personagens da Nossa História’ - biografias de personagens da História do Brasil, em fascículos, com textos escritos por professores de história. E depois, nos anos da ditadura militar, lançou a coleção ‘Os pensadores’-volumes encadernados de obras de autores clássicos da cultura ocidental, que muitas

Janeiro; b) sitio da Intercom: www.intercom.org.br/, especificamente para os textos resultantes de pesquisa apresentados nos eventos da área: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br>.

⁹ Ver, entre outros: Isa Adonias. *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - 150 anos*. Rio de Janeiro: Studío HMF, 1990; Virgílio Correia Filho. Como se fundou o Instituto Histórico. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, 255, 1962; Max Fleiüss. *O Instituto Histórico através de sua Revista*. Rio de Janeiro: IHGB, 1938; Lúcia Maria Paschoal Guimarães. "Debaixo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial": o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 156, 388, 1995; Manoel Luís Salgado Guimarães. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, CPDOC/Vértice, no. 1, 1988, pp. 5-27;-----De Paris ao Rio de Janeiro: a institucionalização da escrita da História. *Acervo - Revista do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro, volume 4, no. 1, 1989, pp. 135-144; Lília Moritz Schwarcz. "Os guardiões da nossa história oficial". Os institutos históricos e geográficos brasileiros. São Paulo: IDESP, 1989; ----- . *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993; Arno Wehling. As origens do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 338, 1983, pp. 7-16;----- .Historicisimo e concepção de História nas origens do IHGB. In: ----- (org.) *Origens do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: idéias filosóficas, sociais e estruturas de poder no Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: IHGB, 1989, pp. 43-58.

¹⁰ Apesar dos questionamentos, uma grande parte dos alunos possuía alguns exemplares das revistas de divulgação nacionais e recorreram ao seu próprio material; outros, de forma surpreendente, possuíam exemplares de revistas editadas em outros países, o que aparece em seus trabalhos.

¹¹ No sítio da Editora Abril está a história da empresa, ver <http://www.abril.com.br/br/conhecendo/>.

vezes estavam recebendo a primeira edição no país, com tradução por professores especialistas no autor ou no assunto, quebrando o preconceito existente contra a compra de livros em bancas de jornal. A série de sucessos editoriais foi interrompida com uma coleção de história do Brasil, a ‘Saga’, que não foi completada. Embora a Editora Abril se apresente como a pioneira na edição de obras de divulgação para o grande público consumidor, apenas atualizou uma forma de divulgação que já existia, a da edição de obras clássicas ou informativas em tiragens maiores que as usuais. Antes dela, existiram outras iniciativas de divulgação e popularização da cultura no país, que ainda não foram devidamente estudadas.

A coleção ‘Tesouro da Juventude’¹², marco na vida de milhares de jovens leitores, foi difundida por vendedores em muitas das cidades do país, independente de seu tamanho e da existência de livrarias. O mesmo ocorreu com as coleções de obras de história como Cesare Cantú¹³, H. G. Wells¹⁴ e Will Durant¹⁵.

A Editora Ediouro¹⁶ tinha e ainda tem forte atuação na área da divulgação de autores clássicos, mas seus livros, em pequeno formato e em papel jornal, só podiam ser encontrados em livrarias. Além das citadas, existiram outras coleções de obras literárias destinadas a um público consumidor maior que o tradicional consumidor em livraria: a coleção ‘capa amarela’ de grande formato da Editora Globo de Porto Alegre – hoje Globo Livros¹⁷, com traduções de obras clássicas e contemporâneas, por intelectuais de renome, e, a coleção Saraiva, da editora do mesmo nome¹⁸, com volumes de pequeno formato, em papel jornal, que era vendida porta a porta para as famílias interessadas. A Editora Agir¹⁹ também teve uma coleção de clássicos em pequeno formato e em antologia, ‘Nossos Clássicos’.

A estrutura de venda porta a porta que foi desenvolvida na primeira metade do século XX continua ainda em nossos dias, com enciclopédias escolares e coleções de obras informativas em geral.

¹² Esta obra teve diversas edições, pela W. M. Jackson Editores, dos anos vinte até os anos cinquenta.

¹³ Cesare Cantú. *História universal*. Obra de tanto sucesso que recebeu várias edições, entre outras: a) Rio de Janeiro: Fluminense, 1883; b) Rio de Janeiro: Livraria João do Rio, 1931; c) São Paulo: Américas, 1946. 32 v.; d) São Paulo: Edameris, 1970, ed. resumida.

¹⁴ H. G. Wells. *História universal: da ascensão e queda do império romano até o renascimento da civilização ocidental*. São Paulo: Nacional, 1939. 3 v.

¹⁵ Will Durant. *História da civilização*. São Paulo: Ed. Nacional, 1943. 18 v. A obra teve edições em 1956 e 1967, e em outras editoras. O autor continua sendo editado no país, podendo suas obras ainda serem encontradas em livrarias. Dados sobre sua vasta produção podem ser encontrados no sítio da **Will Durant Foundation**, <http://www.willdurant.com/home.html>

¹⁶ Ver em *Wikipédia, a enciclopédia livre*, sítio: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ediouro>.

¹⁷ Cf. <http://globolivros.globo.com/>; a Rio Gráfica Editora adquiriu em 1986 a Editora Globo. A história sintética da Editora Globo pode ser lida na *Wikipédia, a enciclopédia livre*. Sítio: http://pt.wikipedia.org/wiki/Editora_Globo. Sobre a editora há a indicação do livro de Elisabeth Wenhausen Rochadel Torresini, *Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40*. São Paulo: EDUSP, s.d., na Coleção Memória Editorial.

¹⁸ Ver sítio: <http://sf.editorasaraiva.com.br/port/perfil/historico>; cf. dados da empresa, em 1946 foi lançada a Coleção Saraiva, dirigida por Mário da Silva Brito e Cassiano Nunes, que incluía autores nacionais e internacionais como Machado de Assis, José de Alencar, Menotti del Picchia, Orígenes Lessa, Henry James, Edgar Allan Poe, Herman Melville, ilustrada por artistas de renome, como Aldemir Martins, Darcy Penteadó, Nico Rosso, com traduções de Otávio Mendes Cajado, Décio Pignatari, Nair Lacerda e José Geraldo Vieira. A forma de comercialização era por assinatura, feita por vendedores, com entrega do exemplar publicado mensalmente; vendeu milhares de volumes, pois editou 287 títulos, alguns dos quais com tiragem de até 50.000 exemplares.

¹⁹ Ver histórico da empresa no sítio: <http://www.editoraagir.com.br/historico>; cf. dados, foi adquirida pela Ediouro, em 2002.

Da metade para o final do século XX, as bancas de jornal se tornaram o lugar de exposição da mais ampla variedade de publicações, de todos os assuntos possíveis e imagináveis, para todos os tipos de leitores.

3. O contexto

Há uma explicação corrente para o alto preço dos livros editados no Brasil: a falta de público leitor, pois existem poucas livrarias pelo país e, portanto, poucos leitores. Contudo, as vendas de ‘best-sellers’ desmentem tais afirmações: milhares de livros são vendidos em curto espaço de tempo. Se existissem tão poucos leitores no país, como afirmam as editoras de livros para venda em livrarias, as editoras que lançam seus produtos culturais em bancas de jornal não teriam crescido e multiplicado.

O crescimento das editoras especializadas em publicações para bancas de jornal deve ser relacionado com outros dados: aumento da população, predominância da urbanização, crescimento da escolaridade, aumento da renda familiar, capilaridade dos meios de divulgação de massa pelo país e interligação entre as diversas ‘mídias’.

Dos fenômenos citados, o aumento populacional se destaca: em 1950, a população do país era de 51.949.397, e, em 2000, de 169.799.170 de habitantes²⁰. No mesmo período, a população urbana passou de crescente a dominante, decorrência de fatos distanciados no tempo, mas que explicam alguns aspectos do fenômeno: em 1938, todas as sedes de município passaram a ter o título de cidade, não importando a população; nos anos cinquenta a industrialização por substituição de importações e de bens de capital deslocou uma grande parcela da população de áreas rurais para algumas áreas urbanas; e, em 1988, a Constituição passou a permitir maior facilidade para a divisão de municípios e ampliou os repasses do governo federal para os entes municipais, o que possibilitou a expansão numérica deles. Em cada município, mesmo que não exista biblioteca pública ou livraria, obrigatoriamente deve existir escola fundamental básica, e, pode existir uma banca de jornal, mesmo que seja a única na estação rodoviária.

O processo de modernização econômica do país a partir de meados do século XX possibilitou a melhoria da infra-estrutura em transportes e comunicação; a ampliação do processo de escolarização com o objetivo da universalização do ensino fundamental e posteriormente do ensino médio; o emprego em setores que previamente não existiam; o crescimento da massa salarial; o crescimento do mercado educacional para atender a demanda de mão-de-obra mais especializada; o desenvolvimento de redes de comunicação via mídia eletrônica pelo país, que criaram um mercado nacional para determinados produtos, inclusive para os da indústria cultural.

A existência de milhares de aparelhos de televisão pelo país substituiu em grande parte a imprensa escrita como fonte de informação, por um lado, e, por outro, criou um outro mercado produtor e consumidor com a possibilidade de inter cruzamento de mídias. Os produtos culturais da televisão promovem a venda de publicações escritas – sobre ela mesma, os programas, os participantes de suas produções (autores, diretores, atores e outros especialistas). Também algumas produções televisivas, como telenovelas e minisséries promovem publicações escritas – os livros originais, as adaptações, e depois os vídeos, os cds e os DVDs. O lançamento de filmes, nacionais ou estrangeiros, com chamadas em televisão, e com eventual apresentação posterior em horários especiais, também alavanca publicações destinadas ao grande público, informando sobre a obra, roteiro, diretor, atores e outros especialistas. Os temas épicos ou históricos, quando explorados pelas mídias cinematográficas e televisivas, envolvem altos custos de

²⁰ Conforme dados do IBGE, no sítio: www.ibge.gov.br/, em Síntese dos censos demográficos.

produção, que são parcialmente recuperados ou ampliados pelos produtos em paralelo: publicações impressas, vídeos, cds e DVDs, além de outros produtos destinados ao público infantil e/ou juvenil, da mesma forma que os filmes de entretenimento.

Se há momentos em que a sociedade ocidental parece esquecer da existência da história, apesar de estar imersa nela, em outros há preocupação com ela. Geralmente, em datas comemorativas de fatos históricos relevantes há a ressurgência do interesse pela história, quer como processo, quer como narrativa. Em determinados momentos, a sociedade como um todo se sente atraída por fatos históricos – em livros com temas históricos, biográficos ou pseudo-históricos; em filmes biográficos, épicos, históricos ou míticos; em docu-dramas históricos ou documentários sobre fatos históricos, reconstituídos com material de época. Não é possível identificar claramente se tal interesse é uma válvula de escape – fuga/refúgio para um tempo mítico de paz e segurança, ou, genuíno, para compreender a sociedade e o momento em que vive. Em nossos dias, no início do século XXI, há retomada da curiosidade por fatos históricos, que aparece tanto nas produções impressas, como nas cinematográficas e nas televisivas. Os motivos que provocam tal interesse podem ser variados: insegurança diante das transformações em curso; dificuldades de compreender a fase histórica em que vive; medo diante do desconhecido; necessidade de reafirmar o conhecido diante de outras propostas de organização social e tantas outras questões possíveis de serem arroladas.

Quanto as motivações que levaram ao lançamento das revistas de divulgação de história no país, Thatiana Murillo utiliza a referência das comemorações dos quinhentos anos do descobrimento como o motivo para o lançamento de tais publicações²¹. A nosso ver, tal explicação não se aplica totalmente – teria pleno sentido se estas tivessem começado a ocorrer no mesmo ano ou no seqüente, o que não ocorreu, pois datam de 2003 em diante. As explicações podem ser procuradas tanto no contexto nacional – a consolidação do processo de urbanização, universalização da educação básica e suas conseqüentes transformações, como no maior acesso a informações internacionais, na divulgação em tempo real pela televisão dos fatos de setembro de 2001, na retomada do ciclo de guerras simultâneas, na sensação de ameaça diante do desconhecido que pode estar se aproximando – elementos que podem ter contribuído para que se concretizasse no país algo de novo, as revistas de divulgação de história. Devemos lembrar que tal tipo de publicação existe em outros países há muitos anos, desde o começo do século XX, mantendo continuidade e possibilitando a divulgação do conhecimento historiográfico a um grande número de pessoas, o que pode ter permitido o crescimento do mercado editorial dos livros especializados em história e das grandes coleções do final do século XX²².

²¹ Ver nota 3.

²² Além da venda de milhares de exemplares de algumas obras de história como *Le Dimanche de Bouvines: 27 juillet 1214*, de Georges Duby. Paris: Gallimard, 1986, e, *Montaillo, village occitan de 1294 a 1324*, de Emmanuel Le Roy Ladurie. Paris : Gallimard, 1975, pensamos nas coleções como História das Mulheres e História da Vida Privada, que foram sucesso editorial destacado, foram traduzidas no Brasil e inspiraram coleções similares nacionais.

4. Cultura de massa

È muito interessante para o historiador verificar como a conceituação de ‘cultura de massa’ tem sido vista pela sociedade, principalmente em uma proposta como a que fizemos, de explorar uma fonte da cultura de massa impressa, destinada a um público leitor não especializado.

A conceituação da existência de uma ‘cultura de massa’ ou ‘cultura popular’ se opõe a de uma ‘cultura erudita’, mais valorizada porque de ‘melhor qualidade’, mais restrita e limitada aos que a ela têm acesso, por poder aquisitivo e domínio cultural.

A ‘cultura erudita’ é resultante da decantação da produção cultural da sociedade ocidental cristã e é o cânone dos valores culturais - a ‘alta cultura’ é o conhecimento e apreciação dos clássicos na literatura, música, balé, teatro, pintura e escultura, em oposição a uma outra cultura, considerada inferior por não ter o mesmo conteúdo e relevância, produzida e vivenciada no cotidiano pelas pessoas comuns, ‘a cultura popular’, que é muitas vezes confundida com ‘folclore’, em uma concepção conservadora e nacionalista estreita.

Tomada em senso estrito, a concepção canônica de cultura faz com que toda a produção cultural do mundo moderno industrial do século XIX e do pós-industrial do século XX, todos os questionamentos, críticas, leituras e releituras da sociedade contemporânea fiquem fora dos parâmetros estabelecidos.

Mas a produção cultural possui a sua própria dinâmica, riqueza e complexidade, e é indicativa da reflexão e crítica do mundo no qual o indivíduo produtor/consumidor está inserido e vive. Para os artistas contemporâneos, o cânone não é um obstáculo. Na realidade diária da sociedade pós-industrial, todas as artes se libertaram do cânone. A multiplicidade das formas de expressão literária e artística é quase impossível de ser totalmente conhecida em nossos dias. O rádio, o cinema e a televisão se inscreveram no campo da produção e da reprodução cultural, da mesma forma que a imprensa. E o mundo da produção digital está seguindo a mesma trajetória, de modo mais acelerado.

Contudo, a resistência às novas formas de arte e conhecimento ainda é grande. No campo dos estudos humanísticos, o domínio do cânone se manteve por mais tempo. E só no último quartel do século XX ele passou a ser questionado por grupos feministas, étnicos, de culturas minoritárias e pelos pesquisadores pós-modernos, que exigem que a noção de cultura seja mais inclusiva e menos restritiva.

A valorização da oposição entre a ‘cultura erudita’ e a ‘cultura popular’ pode ser entendida como uma atitude socialmente conservadora, a partir da Revolução Francesa, em que o conceito de ‘povo’ para os conservadores e contra-revolucionários era o de uma ‘ameaça’ a seu modo de vida. A preservação dos valores da sociedade estamental encontrou na valorização do cânone apoio e a justificativa de uma concepção de sociedade, a partir de meados do século XIX, quando ‘povo’ e ‘massa’ se tornaram quase que sinônimos de ameaça social.

Nos movimentos revolucionários políticos e sociais dos séculos XIX e XX, uma das propostas mais atraente é a da democratização de acesso de todas as pessoas a todos os bens, políticos e econômicos, a partir da alfabetização universal, e, principalmente aos bens culturais.

A idéia de separação rígida entre a chamada ‘alta cultura’ e a ‘cultura popular’ foi questionada por Bahktin²³ ainda na primeira metade do século XX, e, o tema da circularidade das idéias entre grupos sociais, no final do século XX, encontrou apoio em historiadores da história cultural, como Roger Chartier e C. Guinzburg, entre outros, e, principalmente nos autores pós-modernos.

Os resultados

Os resultados obtidos foram surpreendentes, para nós e para os alunos. Para nós, pela localização de inúmeras publicações destinadas a suprir a curiosidade do público sobre temas históricos – em níveis de informação diferenciados, desde as mais elementares até as que apresentam resultados de pesquisas acadêmicas, em linguagem acessível ao não-especialista. Nosso ponto de partida para a proposta do trabalho havia sido o conhecimento das revistas *Nossa História* e *História Viva*. Os alunos conheciam algumas outras e localizaram outras tantas, que não eram tão conhecidas, e que aparecem nos textos que seguem. E também pela capacidade demonstrada pelos alunos de pesquisar informações, mesmo as que exigiram contato direto com as editoras e com os editores; analisar conteúdos sob aspectos variados, demonstrando que o processo de formação fragmentada, proposto pelo Departamento de História, apesar da dificuldade de explicitação, está proporcionando ao corpo discente uma formação adequada ao mundo contemporâneo.

Para os alunos, podemos comentar de um lado que com a aprendizagem da prática de pesquisa - seleção de tema, seleção de fontes, coleta de dados, análise de conteúdo, contextualização e redação de um texto sobre a pesquisa e os resultados obtidos, houve a possibilidade de aprender como usar material diferenciado do tradicional (textos de livros e excertos de documentos), experiência que pode ser transmitida a práticas de ensino de história em outros níveis. Por outro lado, esperamos que os mais renitentes tenham aprendido a aceitar a produção cultural da sociedade em que vivem. Consideramos que se há experiência e vivência da postura crítica em relação à formação socioeconômica e cultural em que estão inseridos, a manutenção de preconceitos sobre a ‘cultura de massa’ e a exigência do cânone cultural são elementos contraditórios que precisam ser enfrentados. E o que a nosso ver foi o mais importante: tiveram eles a experiência da apreensão ‘a quente’ de dois conceitos teóricos que marcam a sociedade atual – a da circularidade das idéias na cultura, e, a da fragmentação das identidades sociais. Lembramos ainda que nas análises de conteúdo foram localizadas algumas das teorias de história, que haviam sido apresentadas e discutidas no transcurso das aulas teóricas e das leituras, demonstrando na prática a longa vigência de idéias na cultura e na sociedade.

Os textos que seguem a esta apresentação são todos os trabalhos de curso da disciplina, resultantes das pesquisas e análises dos alunos. Alguns são trabalhos individuais, outros coletivos. Cada um deles representa a trajetória de pesquisa que foi percorrida, os interesses, curiosidades e idiosincrasias dos autores. Não foi realizada a normalização

²³ BAHKTIN, M.. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo: HUCITEC; Brasília:UnB, 1987.

dos textos e nem estão apresentados os comentários da avaliação. A finalidade da publicação é reconhecer os esforços empregados na pesquisa, o empenho e interesse demonstrado, além de colaborar com outras pessoas que tenham alguma curiosidade sobre o material de divulgação de história impresso disponível em bancas de jornal.

Agradeço a Silene Ferreira Claro, doutoranda no Programa de História Social/FFLCH/USP, linha de pesquisa História da Cultura, monitora da classe no PAE/FFLCH/USP primeira fase, o apoio, as sugestões e a relação estabelecida com a classe, que muito contribuíram para o bom desenvolvimento do curso e das atividades. E a todos os alunos que cursaram a disciplina e que no decorrer do semestre selecionaram o material com que pretendiam trabalhar, defenderam suas escolhas, descreveram as dificuldades encontradas, apresentaram as soluções e os resultados obtidos. Eles se encontraram com o que os pesquisadores em história costumam enfrentar: problemas de acesso a fontes e as informações, impossibilidade de usar o material inicialmente previsto, desconforto com os resultados obtidos, questões que não puderam ser respondidas, e tudo o mais que acontece depois do trabalho escrito e entregue.

Espero que a experiência tenha sido tão proveitosa para eles como foi para nós e que a noção de que estamos imersos na história – mesmo explorando um tema restrito e aparentemente limitado, tenha se tornado mais clara e compreensível. E que a função da disciplina Teoria da História no processo de formação tenha adquirido sentido.
São Paulo, segundo semestre de 2005.



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

5233016 - Ricardo Silva Nascimento da Solidade

BBC HISTORY MAGAZINE

**Uma análise da publicação editorial, mercado e
abordagem historiográfica**

TEORIA DA HISTÓRIA I (Noturno)

1º Semestre / 2005

Profa. Dra. Raquel Glezer

24 de Junho de 2005

ÍNDICE

ÍNDICE	Erro! Indicador não definido.
INTRODUÇÃO	3
A BBC E O MODELO DE MÍDIA PÚBLICA	4
HISTÓRIA.....	4
O MODELO DE MÍDIA PÚBLICA	5
BBC : ESTRUTURA ORGANIZACIONAL.....	7
O MERCADO EDITORIAL E A PRODUÇÃO EDITORIAL DA BBC	9
UMA INDÚSTRIA GLOBALIZADA	9
MERCADO DE PERIÓDICOS.....	10
BBC: PRODUÇÃO EDITORIAL	11
A ANÁLISE DA PUBLICAÇÃO BBC HISTORY MAGAZINE	13
PARTE 1: ANÁLISE ESTRUTURAL DA PUBLICAÇÃO.....	14
A MISSÃO DA PUBLICAÇÃO	14
O PROJETO EDITORIAL.....	16
AS MATÉRIAS DE DESTAQUE.....	18
O CONTEÚDO COMPLEMENTAR.....	20
PARTE 2 : ANÁLISE DA ABORDAGEM HISTORIOGRÁFICA.....	21
A HISTORIOGRAFIA BRITÂNICA E A SUA PERIODIZAÇÃO PADRÃO.....	21
EXEMPLO: ANÁLISE DE HISTÓRIA EM PRODUÇÕES CINEMATOGRAFICAS	25
O CONSELHO EDITORIAL ACADÊMICO E SUAS LINHAS DE PESQUISA.....	26
CONCLUSÃO.....	33
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	34

INTRODUÇÃO

A difusão de conteúdo e conhecimento histórico, através de publicações voltadas tanto para o segmento acadêmico quanto para uma divulgação geral sempre foi uma forma de atuação dos diversos grupos acadêmicos e do pensamento historiográfico como comunidade. Aliada também as necessidades de demanda tanto para a pesquisa quanto para o consumo do leitor comum como bem ao debate historiográfico, numa forma acessível ao público, suscita questões que busquem entender os fenômenos editoriais e de como esse conhecimento altamente especializado é distribuído por esse mesmo mecanismo de popularização. Esse movimento, de um conteúdo altamente qualificado e de objetivo científico para uma de divulgação geral e homogeneizada – pela própria natureza editorial, de massas –, é um dos objetivos da presente análise.

O segmento editorial das publicações historiográficas e, mais especificamente, das revistas especializadas em história voltadas ao grande público, levam a questões de como estas têm se guiado na condução de suas estratégias editoriais e como se relacionam com o público leitor. A proposta desta análise é explicar os aspectos quantitativos, qualitativos e estéticos de uma publicação que será objeto de uma observação metodológica e empírica, e também fatores que influenciam ou são influenciados quando todos os mecanismos associados no empreendimento de uma publicação, de um projeto editorial, em outras palavras, o mercado editorial. A visualização sobre este mercado, sobre o público-alvo na qual este é destinado e a relação – muitas vezes bi-direcional – entre editor e leitor, tão comuns às ferramentas que permitam a percepção da audiência por estas publicações, são objetivos comuns desta proposta.

Este documento está dividido em duas partes principais, baseando-se análise uma publicação específica, de um mercado específico. A publicação editorial a ser analisada é a **BBC History Magazine**, editada pela **BBC Worldwide Limited**, no Reino Unido. O primeiro aspecto a ser abordado é o mercado em que essa publicação está inserida, procurando dados que expliquem quais os propósitos desse empreendimento editorial, seus objetivos, suas segmentações e que público ela destina. Através de uma perspectiva independente e procurando os dados mais imparciais possíveis, será possível identificar as causas e as conseqüências mercadológicas dessa publicação.

O segundo aspecto aborda a publicação de uma perspectiva mais interna à seu projeto editorial, ou seja, as várias características no que se refere a essa revista, tais como a estrutura editorial, a forma de como são abordados os assuntos, em que se baseia a pauta, informações técnicas e a sua visão historiográfica -- e como esta se relacionam com o seu público-alvo. A missão da publicação e o seu resultado, tanto pelo conteúdo quanto através da estética, serão também tema de análise deste trabalho. A análise dos autores e dos vários membros que compõem a operação da publicação – editor, conselho editorial e colaboradores – tem o objetivo de trazer à luz esses conceitos no desenvolvimento editorial da revista e de seus preceitos.

A escolha dessa revista deu-se numa motivação em estabelecer um paralelo entre o mercado editorial brasileiro e como estas se inter-relacionam com este mercado editorial britânico. Serão tratadas as especificidades editoriais principalmente analisando sua estrutura organizacional e de como esta está dentro de um modelo particularmente distinto de mídia, que é o modelo público de mídia, representada pelo grupo gestor desta publicação, a **British Broadcasting Corporation**, estabelecida também no Reino Unido.

A BBC E O MODELO DE MÍDIA PÚBLICA

HISTÓRIA

A **British Broadcasting Corporation (BBC)** foi estabelecida em 1927 através de um processo de concessão (mais especificamente existente no Reino Unido e no Canadá) chamado *Cartas de Patentes Reais (Royal Charter)*. Essa forma de concessão é uma prerrogativa da realeza britânica que dá um status especial ao um grupo ou comunidade de negócios, escolas ou instituições de caridades. Na história, órgãos como a Companhia das Índias Britânicas (existente entre 1600 e 1858) tiveram a concessão dessa mesma carta de patente real e até hoje são concedidas em nome do monarca, através do Departamento do Patrimônio Nacional (*Department of National Heritage*). Esse documento define a constituição da organização, qual suas prerrogativas e funções, bem como o objetivo último que é servir às necessidades da sociedade britânica.



O logotipo da BBC.

No caso da BBC, a carta de patente real tem uma validade de 10 anos, podendo ser renovada indefinidamente. A atual carta data vale de 1996 a 2006. O estatuto incluso no texto desta carta dá à BBC o seu caráter de rede pública de mídia e afirma a sua independência editorial, aspecto este que será abordado mais adiante.

Nos anos subseqüentes, as atividades que originalmente seriam centradas na transmissão de noticiários via rádio se tornam mais abrangentes às novas tecnologias, tais como as primeiras transmissões televisivas em 1936. A transmissões de rádio e TV vieram a ter grande importância e definiram momentos nacionais, como por exemplo durante a II Guerra Mundial, com os correspondentes de guerra (*war correspondents*). "Joseph Goebbels, o chefe de propaganda de Hitler, dizia que a rádio BBC ganhou a 'invasão intelectual' na Europa."¹

Com a consolidação e a evolução técnica nas décadas seguintes, a BBC se torna referência em jornalismo e expande sua produção de programas, séries e documentários. Mais recentemente aproxima-se e implementa novas tecnologias como a Internet e a diversifica suas operações, como os empreendimentos no mercado editorial e na venda e distribuição de direitos autorais. Sempre, em todas as operações, mantendo o preceito elemento fundamental da independência, seja de governo, ou forças de mercado.

O MODELO DE MÍDIA PÚBLICA

Esse tipo de conglomerado de mídia associada ao modelo da BBC é denominado mercadologicamente de **mídia de fundo publico**, e é até hoje, a forma dominante de transmissão (*broadcasting*) no mundo. Existente em diversos países no mundo atualmente e tendo a BBC o exemplo mais representativo desse modelo. Essa forma coexiste hoje com os **conglomerados comerciais**, estes voltados para uma diversificação de fontes de receitas, como comerciais e TVs por assinatura, esta atualmente a forma dominante de transmissão nos Estados Unidos e na América Latina. Um terceiro tipo de transmissão são as **redes estatais**, estabelecidas pelo Estado e objetivadas a informar sobre as atividades de governo. Essa tríade delimita os modelos

¹ <http://www.bbc.co.uk/heritage/story/1940s2.shtml>

atualmente existentes, cada um com suas regulamentações, formas de operação e responsabilidades distintas.

O modelo de transmissão pública, como forma geral, conta com uma fonte de receitas fixa através de doações ou taxas de indivíduos, ou através de subsídios estatais. No caso da rede britânica, a forma de obtenção de receitas é através de uma taxa de licenciamento de TV, no valor de 9,67 libras esterlinas² para cada proprietário de um televisor no Reino Unido, totalizando 126,50 libras anuais³. A decisão desse valor da licença fica a cargo da Secretaria de Estado para a Cultura britânico e realizado operacionalmente por uma organização local no Reino Unido chamada *TV Licensing*®, que além de fazer a coleta dessa taxa, promove a orientação pública sobre a importância da compra de uma licença de TV e de sua importância pela natureza pública desta rede através de campanhas⁴. Tudo isso permite que a BBC mantenha sua independência política, de acionistas e influências comerciais.

A tabela a seguir lista algumas importantes redes públicas existentes hoje no mundo:

TABELA 1: ORGANIZAÇÕES DE MÍDIA DE CARÁTER PÚBLICO NO MUNDO

SIGLA	NOME	PAÍS	ANO
CBC	Canadá Broadcasting Corporation	Canadá	1936
PBS	Public Broadcasting Service	EUA	1969
NHK	Japan Broadcasting Corporation	Japão	1926
ABC	Australian Broadcasting Corporation	Austrália	1932
-	Radio France	França	1975
RAI	Radiotelevisione Italiana	Itália	1954

² <http://www.bbc.co.uk/info/licencefee/>. Dados de 2003/2004.

³ Para as televisões em preto-e-branco o valor é de £42. Não há licenciamento para rádio.

⁴ Para maiores informações em como funciona esse licenciamento e suas campanhas de conscientização popular da TV pública, consultar <http://www.tvlicensing.co.uk/aboutus/index.jsp>

BBC : ESTRUTURA ORGANIZACIONAL

Manter a forma independente da BBC é responsabilidade de um conselho de governadores (*board of governors*), apontados pelo monarca e ratificados pelo parlamento britânico; além de um contato direto com diversos conselhos locais, representantes dos interesses dos espectadores (*advisory bodies*). As operações ficam a cargo de um conselho executivo (*executive board*). Dentre as prerrogativas do conselho de governadores estão⁵:

- Aprovar metas e estratégias gerais
- Definir objetivos
- Monitorar performance
- Monitorar confiabilidade através de instrumentos legais
- Assegurar a transparência pública
- Apontar o secretário geral executivo
- Definir remuneração do comitê executivo

Sob seu modelo organizacional, as atividades principais da BBC são: fornecer serviços de *Broadcasting*, que é a transmissão por meio dos seus diversos canais de rádio e TV, bem como manter um núcleo jornalístico e de produção em torno desses canais de transmissão. Esses dois serviços, *broadcasting* e produção, são o núcleo de operações hoje dentro da organização. Toda essa programação é aliada a um conteúdo voltado aos meios digitais, complementares, para a Internet e meios digitais interativos (TV e rádios digitais).

Nove grandes unidades de negócios compõem a produção da rede:

- Televisão
- Rádio e Música
- Notícias
- Nações e Regiões (programação local)
- Esportes
- Educação e Aprendizado

⁵ BBC Annual Report 2003/2004.

- Drama, Entretenimento e Conteúdo Infantil
- Tecnologia e novas mídias
- Serviço Mundial BBC (*BBC World Service*).

Incluem-se aí as divisões de suporte (finanças, marketing e comunicações, por exemplo).

Além desse núcleo central de operações, outras estruturas adjuntas definem suas formas de atuação em outros segmentos. Os serviços comerciais realizados pela subsidiária BBC Worldwide Limited⁶, tem como objetivo o licenciamento de formatos de programas, venda de direitos autorais, bem como o braço editorial do conglomerado – este, objeto deste trabalho e que será detalhado em seguida. A forma de operação desta subsidiária é diferenciada de negócios do restante do grupo, na qual há um viés comercial nas operações. Mas ainda assim com o objetivo público, através da conversão dos lucros para os fundos da estrutura central de mídia pública, que de acordo com os objetivos do grupo, “ajudam a manter o valor taxa mensal menor do que ela possivelmente seria”.

Toda essa estrutura mantém a BBC e levou a rede a se tornar modelo de referência e de qualidade de produção e de jornalismo em todo o mundo.

⁶ O sítio Internet da subsidiária está no endereço <http://www.bbcworldwide.com>

O MERCADO EDITORIAL E A PRODUÇÃO EDITORIAL DA BBC

UMA INDÚSTRIA GLOBALIZADA

O mercado editorial, conceitualmente definido como a atividade de se levar informação ao público, sofre uma transformação em torno de suas definições básicas. Hoje, o mercado de publicação está mais abrangente com relação às formas de sua produção, envolvendo atualmente uma série de atividades complementares ao processo de publicação (ou também *publishing*). Mercados adjuntos, como direitos autorais e fontes de informações independentes (ex. *Reuters, Associated Press*), juntamente com atividades agregadas como publicidade, seleção, edição, gerenciamento e marketing, formam um conjunto de atividades relacionadas⁷, e em se tratando de mídias de massas, indissociáveis do ponto de vista de promover a sua viabilidade operacional. Há um consenso, pelo menos entre as mídias comerciais, que somente uma articulação entre todas essas atividades, visando um objetivo editorial comum, pode definir ou não o sucesso de um empreendimento de mídia.

Em adicional a isso, o papel desses mesmos mecanismos de mercado editorial tem suscitado um intenso e contínuo debate, principalmente relacionado ao advento e a popularização de tecnologias eletrônicas utilizadas como veículos de comunicação, tal como é o caso da Internet – e a sua suposta premissa de substituição da mídia impressa –, bem como as discussões em torno de uma maior e crescente internacionalização e padronização, a nível mundial, dessas mesmas forma de atuação editorial. Práticas de se levar informação ao público e medir a sua eficiência tem se tornado uniforme nos principais conglomerados de mídia no mundo e a importância da Internet – para o bem ou para o mal – têm se tornado um elemento dessas discussões. “Alguns argumentam que a Internet e as novas comunicações de tecnologia estão quebrando a camisa-de-força no jornalismo e abrindo uma era e mídia democrática interativa. (...) Isso tem permitido a pessoas escaparem das restrições da mídia comercial consolidada em muitos e diversos casos.”⁸

⁷ Publishing in The Knowledge Economy. Competitiveness analysis of the UK publishing media sector. Publicado pela Periodical Publishers Association no Reino Unido. Pg. 2

⁸ HERMAN, Edward S. CHOMSKY, Noam. Manufacturing Consent: The Political Economy of the Mass Media. New York. Pantheon Books, 1998 Pg. XV (Introduction).

Outro debate, esse de caráter mais sociológico-político, na relação deste mercado editorial com a concentração de mídia e seus impactos na sociedade. O que tem gerado diversas opiniões, prós e contras a este processo. “Esta tendência a uma grande concentração de mídia nos mercados tem se acelerado pelo afrouxamento de regras limitando a concentração de mídia, propriedade-cruzada, e controle por companhias não associadas a este mercado. Há também um abandono de restrições comerciais, programação e acordos de ‘conduta justa’”⁹.

Estas questões refletem em parte os esforços governamentais na condução de regulamentações para o setor, estes tentando balancear entre evitar uma danosa concentração de mídia, mas ao mesmo tempo permitir que este mesmo mercado flua e consiga ter atratividade de investimentos.

No Reino Unido, a agência reguladora responsável por implementar a regulamentação e assim manter a competitividade nesse mercado é o Departamento para Cultura, Mídia e Esportes¹⁰.

MERCADO DE PERIÓDICOS

O mercado de periódicos no Reino Unido se divide em alguns segmentos que representam, basicamente, o público destinado e a forma de publicação. Essas formas são: títulos de consumo, títulos de negócios e profissionais (para mercados especializados como profissionais de marketing, etc.) e periódicos políticos e literários (geralmente com artigos acadêmicos e com uma periodicidade maior). Somando-se todas essas formas de produção, são cerca de 8.500 os títulos existentes no mercado britânico¹¹.

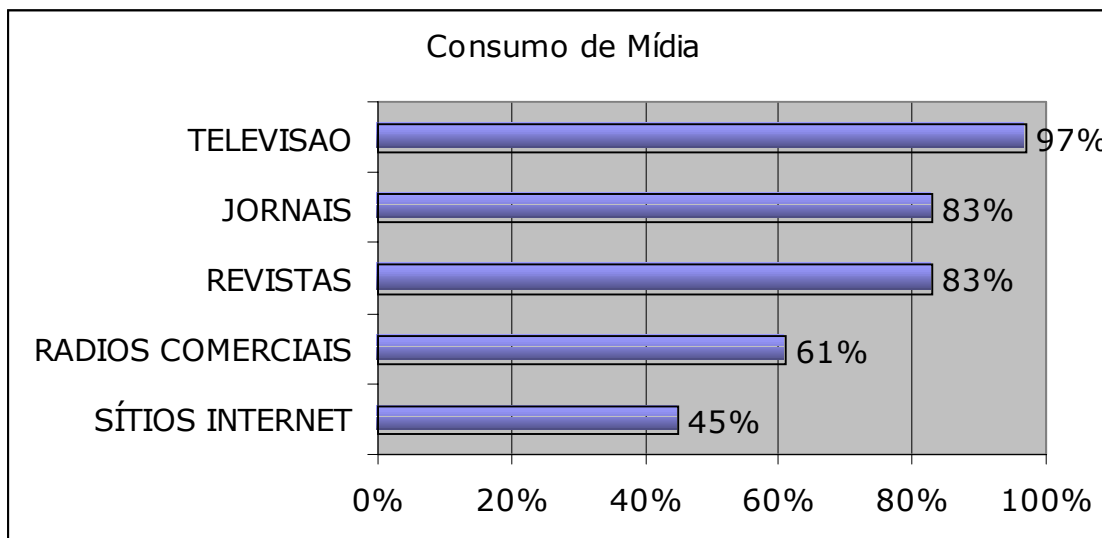
O consumo quantitativo de revistas, comparado com as outras mídias (televisão, jornal, revistas, rádios e sites Internet), é mostrado através do seguinte gráfico:

⁹ HERMAN, Edward S. CHOMSKY, Noam. *Ibid.* Pg. 8

¹⁰ O site Internet do departamento é www.culture.gov.br

¹¹ Office Of National Statistics. The Official Yearbook of The United Kingdom of Great Britain and Northern Ireland. Published by the Office for National Statistics. Disponível no site Internet www.statistics.gov.uk.

GRÁFICO 1: CONSUMO DE MÍDIA ENTRE OS DIFERENTES TIPOS, EM SUA ABRANGÊNCIA NO CONJUNTO DA POPULAÇÃO.



FONTE: PPA - Association of UK magazine and periodical publishers.

O gráfico mostra a mídia impressa – jornal e revista – tem o alcance semelhante na população. Em parte isso pode ser explicado também pela própria natureza de produção de periódicos – que particularmente se apresentam com uma maior segmentação do que, por exemplo, os jornais, buscando associar-se a um estilo de consumo tais como revistas culturais, femininas, masculinas, etc.

BBC: PRODUÇÃO EDITORIAL

A *BBC Worldwide Ltd.* é a subsidiária responsável pelo conteúdo editorial da BBC. A produção editorial de revistas é o principal segmento na qual atentamos a esse trabalho e é através dessa unidade em que são publicadas revistas como a **BBC History Magazine**, entre outras.



O logotipo da Publicação

De acordo com a BBC¹², cerca de 40 títulos são publicados por esta unidade, totalizando cerca de 4 milhões de exemplares vendidos mensalmente no todo desse conjunto. Títulos dos mais diversos segmentos e público-alvo: revistas que tratam de diversas atividades, tais como jardinagem, música e TV, por

¹² Dados obtidos a partir do sítio Internet <http://www.bbcworldwide.com/bus/mags/default.htm>

exemplo; revistas para faixas etárias específicas e também complementares à programação da TV.

A BBC History Magazine é uma publicação mensal e que tem, na tabela a seguir, os dados de sua circulação. Todos providos pela *Audit Bureau de Circulations (ABC)*¹³, um órgão independente no Reino Unido que faz a auditoria da circulação de publicações:

TABELA 2: BBC History Magazine – Tiragem e Venda

TIRAGEM E CIRCULAÇÃO	TOTAL	%
Media de Circulação (entre Jul-2004 e Dez-2004)	54.067	100,00
<i>Circulação em Banca</i>	26.065	48,20
<i>Circulação por Assinaturas</i>	28.002	51,80

FONTE: Audit Bureau of Circulations – Summary Report for BBC History Magazine.

Comparando a outras publicações do mesmo segmento temos:

TABELA 3: BBC History Magazine e outras publicações semelhantes

TÍTULO DA REVISTA	TOTAL
BBC History Magazine	54.067
History Today (http://www.historytoday.com/)	27.919
National Geographic (http://www.nationalgeographic.com/)	343.797

FONTE: Audit Bureau of Circulations

¹³ O sítio Internet da organização é <http://www.abc.org.uk/>. Fundada em 14/03/1931, provém informação independente sobre circulação e é governada por um conselho de representantes eleitos e representativos de agências de publicidade, proprietários de mídia e organizações de comércio do setor.

A ANÁLISE DA PUBLICAÇÃO BBC HISTORY MAGAZINE

Com o foco agora no título para o presente trabalho, a abordagem será feita em duas partes: na primeira, serão analisadas as formas de como a revista se apresenta para o leitor, o seu projeto editorial e gráfico, a forma como ela está estruturada nos seus aspectos editoriais (manchetes, artigos, colunas, etc.) e também identificar os colaboradores, editores e o conselho editorial da publicação. Em uma segunda parte, o conteúdo será analisado do ponto de vista historiográfico e acadêmico, procurando identificar as formas de abordagem dos assuntos históricos, as linhas de pesquisa e de abordagem dos colaboradores e do conselho editorial da revista.

Para este presente trabalho, duas edições são objetos de análise¹⁴:

- **Edição de Julho de 2004**, onde a matéria principal de capa refere-se à cultura jovem norte-americana, principalmente em torno da comemoração dos 50 anos do Rock'n Roll. Nomeada ***The Face of The Fifties: The Birth of Youth Culture (A face dos anos 50: O nascimento da cultura jovem)***.



Capa da Edição de Julho de 2004

- **Edição de Janeiro de 2005**, onde a matéria principal refere-se aos 60 anos da exibição ao mundo do campo de concentração de Auschwitz, pelos aliados, durante a II Guerra Mundial. Nomeada ***Auschwitz: Inside the Mind of the Killers (Auschwitz: Dentro da mente dos assassinos)***.



Capa da Edição de Janeiro de 2005

¹⁴ Todas as imagens de capas foram obtidas em <http://www.bbchistorymagazine.com/>

PARTE 1: ANÁLISE ESTRUTURAL DA PUBLICAÇÃO

A MISSÃO DA PUBLICAÇÃO

O princípio editorial da revista explicita através da seguinte assertiva, incluída em casa edição: “A *BBC History Magazine* foi estabelecida para publicar uma história de referência, escrito por profissionais de relevância, em um formato acessível e atrativo. Nós procuramos manter os altos padrões jornalísticos tradicionalmente associados à BBC”. Portanto, trata-se de uma publicação que preza pela qualidade editorial, tanto com relação ao conteúdo apresentado na publicação como também pela sua forma de apresentação, sendo ao mesmo tempo atrativa esteticamente, informativa e diversa em suas abordagens editoriais.

O diálogo com a comunidade é feito através de contribuições de acadêmicos (pesquisadores e docentes) principalmente quando da apresentação de assuntos específicos torna importante apresentar a abordagem da interpretação por acadêmicos bem como também de profissionais que busquem mostrar, explicar História através de formatos voltados para a TV e Rádio, tais como documentários e filmes. Essa dupla contribuição: acadêmica e produção histórica em mídia, é a forma enriquecedora de conteúdo na forma de como as visões historiográficas são contrastadas, conciliadas e apresentadas. É comum em determinados artigos a contribuição conjunta dentre essas duas formas de colaboração, cada um trazendo a sua experiência nas suas respectivas áreas.

Além de manter uma diversidade de colaboradores, a *BBC History Magazine* também conta com um conselho editorial fixo de professores, pesquisadores e pessoal relacionado com a produção de mídia em História. Dentre as duas edições analisadas, o conselho se manteve constante, com um painel de 25 profissionais e acadêmicos.

O seguinte quadro relaciona o nome de cada um dos integrantes deste conselho, suas especialidades no campo da história, e, no caso dos acadêmicos, as suas respectivas instituições de ensino:

<p>Dra. PADMA ANAGOL Professora de História Moderna da Universidade do País de Gales</p>
<p>Prof. MICK ASTON Professor de Arqueologia na Universidade de Bristol</p>
<p>Prof. JOANNA BOURKE Professora de História da cultura moderna em Birkbeck</p>
<p>Prof. RICHARD CARWARDINE Professor de História Americana da Universidade de Oxford</p>
<p>Prof. BARRY COWARD Professor de história política e social britânica da Birkbeck College</p>
<p>Prof. CLIVE EMSLEY Professor de história na Open University no Reino Unido</p>
<p>Prof. RICHARD EVANS Professor de História Moderna da Universidade de Cambridge</p>
<p>Prof. SARAH FOOT Pesquisadora da Universidade de Sheffield</p>
<p>Prof. RAB HOUSTON Professor de História Moderna da Universidade de St. Andrews</p>
<p>Prof. JOHN HUDSON Professor de História Medieval da Universidade de St. Andrews</p>
<p>Prof. LISA JARDINE Professora e pesquisadora de estudos renascentistas da Universidade de Queen Mary</p>
<p>Prof. PETER JONES Professor de Filosofia Política da Universidade de Newcastle</p>
<p>Prof. DENIS JUDD Professor de História Britânica Imperial e Contemporânea da London Metropolitan University</p>
<p>Prof. IAN KERSHAW Professor de história alemã da Universidade de Sheffield</p>
<p>Prof. CHRISTOPHER LEE Professor de História Britânica Contemporânea da Universidade de Cambridge</p>
<p>Prof. JOHN MORRILL Professor de História Britânica e Irlandesa da Universidade de Cambridge</p>

<p>Prof. KENNETH O MORGAN Professor de História Moderna Britânica da Universidade de Oxford</p>
<p>Dr. LISA NEVETT Pesquisadora de Arte Clássica e Arqueologia da Open University</p>
<p>Prof. CORMAC Ó GRÁDA Professor de História Econômica da University College Dublin, na Irlanda</p>
<p>Prof. MARTIN PUGH Professor e pesquisador de História da Liverpool John Moores University</p>
<p>LAURENCE REES Diretor artístico, BBC History</p>
<p>JULIAN RICHARDS Arqueologista e produtora de documentários</p>
<p>PROF SIMON SCHAMA Professor de História Britânica e História da Arte da Universidade de Columbia, nos EUA</p>
<p>DR SIMON THURLEY Executivo chefe da English Heritage (órgão de preservação do patrimônio inglês)</p>
<p>MICHAEL WOOD Historiador e produtor</p>

NOTA: Informações adicionais sobre os membros acadêmicos do conselho editorial estão na seção O CONSELHO EDITORIAL ACADÊMICO E SUAS LINHAS DE PESQUISA, neste documento.

Com isso, o conselho editorial divide-se em vinte pessoas vindas das áreas acadêmicas, três da área editorial e uma pessoa vinda da área pública de cultura. Em adição a este quadro de conselheiros editoriais há também os editores executivos, responsáveis por selecionar e assinar a publicação.

O PROJETO EDITORIAL

A publicação mescla conteúdo com estética gráfica na apresentação de seus assuntos históricos. Há também uma série de colunas fixas e quadros informativos presentes nas pautas.

Uma característica editorial é juntar tanto a abordagem textual das matérias como também indicar informações complementares, como os livros de referência

sobre determinado assunto, os lugares (museus, cenários históricos) onde e podem encontrar referências ao assunto abordado e a publicação de notas fixas, como a agenda de exposições.

Amplamente, a publicação se divide em 6 áreas:

- **NOTÍCIAS (NEWS):** Onde são apresentadas informações relacionadas à comunidade interessada em saber mais sobre história, tais como notícias de campanhas de preservação, reportagens de expedições, exposições reais ou na Internet, e uma tira cômica regular. Serve para introduzir o leitor às novas ações no campo historiográfico;
- **DESTAQUES (FEATURES):** É a seção das matérias textuais, incluindo a de destaque em capa e algumas matérias mais longas relacionadas à um tema específico, sempre assinadas por um ou mais colaboradores – jornalista ou acadêmico;
- **REGULARES (REGULARS):** São as colunas fixas, não necessariamente referenciadas às matérias, mas que se utilizam – ao contrário destas – uma maior diversidade de utilização de recursos gráficos de apresentação;
- **LIVROS (REVIEWS):** É a seção de sugestão bibliográfica, alguns com comentários adicionais de colaboradores e uma lista dos mais vendidos. Não necessariamente são apresentados livros novos, sendo que muitas referências de livros clássicos ou de importância relevante são também apresentadas;
- **TV e RADIO (TV AND RADIO):** Referência de programas de TV e rádio, tanto na rede BBC quanto em outras redes de televisão no Reino Unido. Apresenta também uma programação de destaque e um guia de programação;
- **“VIVENDO A HISTÓRIA” (LIVING HISTORY):** É a agenda de eventos com referências de lugares para visitas e exposições. Sempre com uma sugestão principal e um roteiro de turismo histórico.

Excetuando-se as 3 últimas áreas (“REVIEWS”, “TV AND RADIO” e “LIVING HISTORY”), a forma em como estão dispostas as matérias, no decorrer das

páginas mostra não uma seqüência, mas sim uma alternância entre as seções. Como exemplo disso, é comum, por exemplo, uma coluna regular ser apresentada entre uma matéria de destaque e outra.

AS MATÉRIAS DE DESTAQUE

As matérias são as principais contribuições da publicação, uma vez que é uma forma de mostrar o pensamento da comunidade historiográfica a respeito de assuntos e linhas de pesquisa. Uma das características dessas matérias principais é a utilização de tanto abordagens de relevância no momento, como também de linhas historiográficas. Evita-se assim confundir pauta com oportunismo de mercado, procurando neutralidade no conjunto das matérias.

Nas duas edições que estamos analisando, as matérias principais foram:

Edição de JULHO de 2004:

“TUDO ABALADO” (ALL SHOOK UP): PATRICK HUMPHRIES¹⁵ examina o impacto de Elvis Presley e a revolução adolescente. É a matéria principal da edição (capa).

“RUAS DE PEDRA, CIDADES DE OURO” (STREETS OF STONE, CITIES OF GOLD): Numa abordagem mais local, da realidade britânica, TRISTAM HUNT¹⁶ exhibe um panorama histórico de algumas realidades urbanas vitorianas britânicas, condenadas como poluídas e sem salvação.

“HISTÓRIA DO ÓDIO” (HISTORY OF HATE): MIKE MARQUSEE¹⁷ analisa a escola historiográfica indiana atualmente, indicando os principais problemas como as tensões políticas e a busca, pela comunidade historiográfica, pelas fontes de identidade e as perseguições.

“UM IMPÉRIO LIBERALISANTE” (A LIBERALISING EMPIRE): Os aspectos benéficos do império colonial inglês são o argumento de NIALL FERGUSON¹⁸ em que os excessos coloniais não devem desviar certas virtudes desse processo.

¹⁵ Autor de *Elvis: the Numer Ones. The Secret History of the Classics* (Vintage, 2002).

¹⁶ Professor de História na Universidade de Londres.

¹⁷ Escreve sobre política e cultura em diversas publicações indianas e britânicas.

¹⁸ Professor de História Financeira na Escola de Negócios Stern.

“UMA CARIDADE CAVALHEIRA” (A GENTLEMAN’S CHARITY): GILLIAN WAGNER¹⁹ biografava a vida de Thomas Coram, um filantropo inglês do século XIX, em vista de uma exposição com seus pertences.

“E O VENCEDOR É...” (AND THE WINNER IS...): NIAL PALMER²⁰ analisa o cenário político norte-americano, em seguida à definição das Convenções democráticas e republicanas nos EUA em 2004. O cenário de 170 anos de história política norte-americana é mostrado e analisado.

“DIVISÃO RELIGIOSA NO IRAQUE” (IRAQ’S HOLY DIVISION): CORINNE ATKINS²¹ mostra que tanto no passado como no presente, aquele país foi sempre dividido entre os Sunitas e Xiitas muçulmanos.

Edição de JANEIRO de 2005:

“AUSCHWITZ” (Idem): Na matéria principal desta edição, LAURENCE REES²² analisa a mentalidade daqueles que administravam os campos de concentração nazista. Com contribuição de DANIEL SNOWMAN²³, sobre os desafios de se manter Auschwitz como memória histórica.

“NEGÓCIO ARRISCADO” (RISKY BUSINESS): Saúde e segurança no trabalho são uma preocupação atual, mas será que isso foi sempre assim? LYNDIA JACKSON²⁴ analisa dois séculos de políticas de segurança no trabalho.

“LEI COMO ENTRETENIMENTO” (LAW AS ENTERTAINMENT): Advogados romanos tinham que dar o exemplo, através de um bom “espetáculo jurídico”. TOM HOLLAND²⁵ visualiza então um exemplo primo: Cícero.

“CHURCHILL” (Idem): Depois de 40 anos da morte de Winston Churchill, GREG NEALE²⁶ examina o legado deixado pelo primeiro-ministro do período de guerra total.

¹⁹ Autor de *Tomas Coram, Gentleman* (Boydell, 2004).

²⁰ Ensina sobre Política e Governo norte-americano na Universidade Brunel.

²¹ Advogada constitucional, escreve sobre o oriente médio para publicações de governo.

²² Produtor da série de TV *Auschwitz: The Nazis and the “Final Solution”* e autor do livro de mesmo nome.

²³ Autor de *The Hitler Emigres: The Cultural Impact on Britain of Refugees from Nazism*.

²⁴ Curadora da exposição *“Hazard! Health in Workplace over 200 years”*, realizado entre Janeiro e Julho de 2005 em Manchester, Reino Unido (People’s History Museum).

²⁵ Autor de *Rubicon: The Triumph and Tragedy of the Roman Republic*.

²⁶ Editor da *BBC History Magazine*.

“HISTÓRIA EM FILME” (HISTORY ON FILM): HUGO DAVENPORT²⁷ apresenta os argumentos e os desafios de vários diretores e historiadores na produção de filmes historiográficos.

“O FILME ESCOCÊS” (THE SCOTTISH FILM): MICHAEL K. JONES²⁸ resenha o filme *Culloden (1964)*, do cineasta Peter Watkin.

“NÃO É UM ROUBO COMUM” (NO COMMON THIEF): DAVID HANRAHAN²⁹ mostra uma análise das motivações da tentativa de roubo das jóias da coroa, pelo coronel Blood, em 1671.

“A HISTÓRIA DA GALINHA E DO BOI” (COCK AND BULL STORY): EMMA GRIFFIN³⁰ revê a história dos esportes e mostra que questões de classe social estiveram presentes e foram fatores decisivos.

Na maioria das matérias há uma seção intitulada *Journeys* ou “jornadas”, onde são apresentados materiais referentes à matéria em questão. Nas matérias principais acima, a edição da cultura jovem apresenta: 5 livros relacionados ao assunto, dentre eles *From the Bomb to the Beatles*, por Juliet Gardiner (Collins & Brown, 1999). Já a matéria de Auschwitz apresenta um conjunto maior de opções: Um evento (*Holocaust Memorial Day*, realizado em Janeiro de 2005); Dois livros (*Commandant of Auschwitz*, de Rudolfo Höss e *Auschwitz: The Nazis and the “Final Solution”*, do autor da matéria Lawrence Rees); Um evento de TV e 3 exposições (incluindo o Memorial e Museu Auschwitz-Birkenau, na cidade de Oswiecim, Polônia).

O CONTEÚDO COMPLEMENTAR

Uma questão central no projeto editorial da revista – além da riqueza editorial e gráfica – é promover uma mentalidade, uma missão em mostrar História na qual a levar o conhecimento histórico à população é o melhor meio de proteger o patrimônio histórico e de se conhecer a nacionalidade do Reino Unido. A seção *Living History* (“Vivendo a História”) como mostrada anteriormente, tem a idéia de aproximar os assuntos históricos à população.

²⁷ Crítico de cinema britânico e autor de *Days That Shook the World* (BBC Books, 2003).

²⁸ Autor de *Bosworth 1485, Psychology of a Battle* (Tempus, 2002).

²⁹ Historiador, escreveu uma bibliografia do coronel Thomas Blood.

³⁰ Autora de livros que relatam os esportes e recreações, como *England’s Revelry: A History of Popular Sports and Pastimes, 1660-1830*.

Três formas importantes são objetivas a essa missão:

- a. A divulgação de exposições;
- b. Os eventos – filmes, palestras, congressos e encenações históricas;
- c. Os roteiros históricos.

Dentre esses incentivos, a revista periodicamente oferece cupons de desconto para os museus históricos e de arte no Reino Unido, promovendo ainda mais essa integração.

Outra seção, intitulada *Education* (Educação) também tem um conteúdo mais voltado para as questões de História como meio de divulgação e consumo na sociedade. Neste, o aspecto pedagógico dessa transmissão de conhecimento é feito através dos debates entre sociedade e governo sobre as formas de educação em todos os níveis (do primário ao superior).

As seções que visam interconectar as matérias com a programação de rádio e TV estão tanto em uma seção própria, com a programação, como também inseridas em cada uma das matérias.

PARTE 2 : ANÁLISE DA ABORDAGEM HISTORIOGRÁFICA

A segunda parte dessa análise editorial da *BBC History Magazine* foca nas formas em como a revista explica história e quais são as referências historiográficas dentro do conteúdo textual e gráfico da revista. Também são explicados as formas de inclusão do seu leitor com os lugares, documentos, e outras formas de se interagir com material Histórico.

Nota-se que, por ser uma publicação inglesa, ela sempre balanceará o conteúdo entre temas locais – história do Reino Unido ou de seus estados (Inglaterra, País de Gales, Escócia e Irlanda do Norte) – e temas de História Geral.

A HISTORIOGRAFIA BRITÂNICA E A SUA PERIODIZAÇÃO PADRÃO

Na tradição da historiografia britânica, o período desta mesma História Britânica é dividido tanto no tempo, como no espaço. É comum a diferenciação

entre a especificidade de cada historiografia existente nos países que compõem o Reino Unido, bem como uma história que retrata o Reino Unido como um conjunto unificado, com uma razão nacional britânica. Isso representa, num primeiro plano, a divisão espacial da historiografia. Já na divisão temporal, a periodização leva em consideração dois aspectos: um primeiro, que remete às ocupações que estiveram presentes nas ilhas britânicas, até o período medieval e esta divisão serve como uma distinção entre esse primeiro período, na qual a formação nacional ainda é difusa e de certo modo não existe uma identidade britânica de fato, e um posterior momento, na qual a sucessão dinástica dos reinantes determinou as fases de estudo historiográficas. Há de se observar que não há, nessa periodização, qualquer indicação necessariamente de unificação britânica, sendo que em determinados momentos há uma divisão clara entre, por exemplo, a História Escocesa e a História Inglesa, e em outros momentos há uma história do Reino Unido como unidade.

Por consenso, costuma-se periodizar a historiografia britânica nos seguintes períodos:

- **Pré-Histórico** (antes de 43 ad.)
- **Romano** (43-410)
- **Anglo-Saxão** (440-850)
- **Presença Viking** (850-1066)
- **Normandos** (1066-1216)
- **Medieval** (1216-1485)
- **Dinastia Tudor** (1485-1603)
- **Dinastia Stuart** (1603-1714)
- **Época Georgiana** (1714-1837)
- **Época Vitoriana** (1837-1901)
- **Moderno** (1901-Presente)

Na publicação esta é uma periodização clara, por exemplo, na seção “VIVENDO A HISTÓRIA” (LIVING HISTORY), na qual há um conjunto de 9 a 10 sugestões de pontos históricos no Reino Unido em que há um relacionamento destes pontos históricos com essa periodização. As tabelas a seguir mostram,

para cada edição, as sugestões apresentadas e as suas respectivas referências nessa periodização:

EDIÇÃO de JANEIRO DE 2005:

Referências historiográficas na sessão "LIVING BRITAIN", onde são mostradas as sugestões de lugares históricos:

Sugestão / Local / Região	Período	Mais Informação (Sítio Internet)
Maiden Castle, Dorset SO da Inglaterra	Pré- Histórico	www.bl.uk/collectbritain/maiden
Wells Cathedral, Wells SO da Inglaterra	Medieval	www.bl.uk/collectbritain/pauldeacon
Royal Engineers Museum, Kent SE da Inglaterra	Vitoriano	www.bl.uk/collectbritain/engineer
Gladstone Potter Museum, Stoke-on-Trent Inglaterra Central	Vitoriano	www.bl.uk/collectbritain/stoke
Montgomery Castle, Powys País de Gales	Medieval	www.bl.uk/collectbritain/montgomery
Enniskillen Castle, County Fermanagh Irlanda do Norte	Stuart	www.bl.uk/collectbritain/fermanagh
Cheshire Military Museum, Chester NO da Inglaterra	Georgiana	www.bl.uk/collectbritain/chestercastle
Fountains Abbey, Yorkshire NE da Inglaterra	Medieval	www.bl.uk/collectbritain/fountains
Kelso Abbey, Stottish Borders Escócia	Normando	www.bl.uk/collectbritain/kelso

EDIÇÃO de JULHO DE 2004:

Referências historiográficas na sessão "LIVING BRITAIN", onde são mostradas as sugestões de lugares históricos:

Sugestão / Local / Região	Período	Mais Informação (Sítio Internet)
Steep Holm Island, Bristol Channel SO da Inglaterra	Vitoriano	users.argonet.co.uk/edication/dmoore/fortlog/steep.htm
Chartwell, Kent SE da Inglaterra	Moderno	www.churchill.nls.ac.uk
Long Shop Museum, Suffolk Leste da Inglaterra	Vitoriano	www.woodbridgesuffolk.info
Severn Valley Railway, Bridgnorth, Shropshire Inglaterra Central	Vitoriano	ukhrail.uel.ac.uk
Castell Henllys, Pembrokeshire País de Gales	Pré-Histórico	www.nationaltrust.ork.uk
Rufford Old Hall, Lancashire NO da Inglaterra	Tudor	www.englandsnorthwest.com
Roughting Linn, Milfield, Northumbria NE da Inglaterra	Pré-Histórico	www.visitnorthumbria.com
Ardoch Roman Fort, Perthshire Escócia	Romano	www.perthshire.co.uk
Carrickfergus Castle, Co. Antrim Irlanda do Norte	Medieval	www.eshsni.gov.uk

EXEMPLO: ANÁLISE DE HISTÓRIA EM PRODUÇÕES CINEMATOGRAFICAS

Na edição de Janeiro de 2005, há um artigo intitulado "Imaginando o Passado" (Imagining The Past) que tem a proposta de fomentar um debate sobre como se mostrar História através de filmes. São analisados várias obras cinematográficas que tentaram recriar e representar o passado na tela. Para a crítica desses filmes, foram convidados diversos profissionais de várias áreas, dentre professores de mídia, críticos de arte e acadêmicos.

Para começar a análise, os filmes relacionados são:

- "O Nascimento de Uma Nação" - *The Birth of a Nation* (1915)
- "Encouraçado Potemkin" - *Battleship Potemkin* (1925)
- "Os Amores de Henrique VIII" - *The Private Life of Henry VIII* (1933)
- "Punhado de Bravos" - *Objective Burma* (1945)
- "JFK" - Idem (1991)
- "Cristóvão Colombo - A aventura do descobrimento" - *Christopher Columbus: The Discovery* (1992)
- "Coração Valente" - *Braveheart* (1995)
- "Michael Collins - O Preço da Liberdade" - *Michael Collins* (1996)
- "O Patriota" - *The Patriot* (2000)
- "Pearl Harbour" - Idem (2001)

Dentre as críticas apresentadas, estão desde a realidade do massacre de Odessa, no filme *Battleship Potemkin*, até as críticas que o filme *Pearl Harbour* recebe quanto à sua fidelidade: "A partir do momento em que o paraplégico Franklin Delano Roosevelt levanta-se de sua cadeira sem ajuda, o filme é um sem-sentido histórico".

Os colaboradores desta matéria, e suas assertivas em torno das produções de História em filme, são:

- **Ian Christie**, professor de história do cinema e mídia, London University – "Os filmes por si só formam parte do registro hitórico".

- **Richard Holmes**, professor de estudos militares e de segurança, Cranfield University – “As pessoas tendem a acreditar no que elas vêem na tela”.
- **Natalie Zemon Davis**, professora emérita de História, Princeton University – “Eu sou receptiva no que se pode alcançar por produtores de filmes responsáveis”.
- **David Puttnam**, produtor de *Chariots of Fire*, *The Killing Fields*, *The Mission*, presidente do UNICEF – Um bom roteiro pode ser injusto com a História e ter como resultado o desprezo do público”.
- **Sarah Gristwood** – jornalista de entretenimento – “Cada era tem as suas próprias distorções, tal como não há uma única versão de uma verdade histórica”.
- **Simon Schama** – professor de história da arte e história, Columbia University, EUA – “Os Estados Unidos... tendem a realizar um pouco de auto-promoção – um envenenamento sutil do senso crítico”.

Em suma, argumentos contra e a favor das abordagens historiográficas no cinema são contrastadas na matéria e promovem assim, um debate de ideias em torno desse tipo de produção.

O CONSELHO EDITORIAL ACADÊMICO E SUAS LINHAS DE PESQUISA

Uma forma também de se compreender a forma de como a publicação é guiada, nas suas abordagens historiográficas, é identificar as linhas de pesquisa de cada um dos integrantes acadêmicos dessa publicação.

Mais uma vez predomina as linhas de pesquisa da Historiografia inglesa, nos mais diversos campos. Mas há professores que também tratam de temas abrangentes, dentro da historiografia européia, bem como outras historiografias, como as histórias culturais, econômicas, entre outras abordagens.

A seguir, são mostradas as linhas de pesquisa de cada um dos integrantes acadêmicos do conselho editorial. As informações foram obtidas através de suas informações de produção acadêmica, disponibilizadas por suas instituições de ensino superior.

Dr. Padma Anagol

Professora de História Moderna da Universidade do País de Gales

Especialista em história moderna da Índia, especialmente relações entre homens e mulheres. Seu próximo livro é sobre feminismo, reforma social e política na Índia britânica.

Sítio Internet: www.cf.ac.uk/hisar/people/pa/

Prof. Mick Aston

Professor de Arqueologia na Universidade de Bristol

Trabalhou com produções de TV e sua especialização são em paisagens pós-romanas, especialmente cidades e arqueologia monásticas.

Sítio Internet: <http://www.bris.ac.uk/archanth/staff/aston.html>

Prof. Joanna Bourke

Professora de História da cultura moderna em Birkbeck

Seus trabalhos são sobre Reino Unido, Irlanda, América e Austrália; Histórias militares, sociais; História do corpo, história das emoções.

Outras áreas são as de história econômica e social da Irlanda no final do século XIX e começo do século XX; história social das classes trabalhadoras britânicas, entre 1860 e 1960; história cultural dos conflitos entre a guerra dos Bôeres e a guerra do Vietnã. Recentemente finalizou a história do medo nos séculos XIX e XX.

Sítio Internet: <http://www.bbk.ac.uk/hca/staff/bourke.shtml>

Prof. Richard Carwardine

Professor de História Americana da Universidade de Oxford

Trabalha com a história dos Estados Unidos na era do início republicano e guerra civil. Tem particular interesse no lugar do evangelho protestante na construção da nação durante o século XIX. Completou recentemente uma biografia política de Abraham Lincoln.

Sítio Internet: http://www.history.ox.ac.uk/staff/postholder/carwardine_r.htm

Prof. Barry Coward

Professor de história política e social britânica da Birkbeck College

Tem o foco em particular na história política e social do Reino Unido do século XIX, com particular referencia a Oliver Cromwell e o protetorado Croweliano.

Sítio Internet: <http://www.bbk.ac.uk/hca/staff/coward.shtml>

Prof. Clive Emsley

Professor de história na Open University no Reino Unido

Tem o seu interesse voltado para a história do crime e do policiamento, sendo diretor do centro europeu para os estudos de policiamento (<http://www.open.ac.uk/Arts/history/policing/index.htm>) e co-diretor do Centro Internacional para a pesquisa criminológica comparativa (<http://www.open.ac.uk/icccr/index.html>).

Sítio Internet: <http://www.open.ac.uk/Arts/history/emsley.htm>

Professor Richard J. Evans

Professor de História Moderna da Universidade de Cambridge

A sua área de pesquisa é história alemã, principalmente história cultural e social desde meados do século XIX. Trabalhou com movimentos de emancipação e liberação, incluindo o movimento feminista e trabalhista, a desigualdade social do ambiente urbano e a história social da morte e da doença. Mais recentemente tem trabalhado com crime e punição, especialmente a pena de morte na história alemã desde o século XVII, onde ele usou evidencia arquivística, fazendo a ponte com as teorias de Norbert Elias e Michel Foucault.

Sítio Internet: http://www.hist.cam.ac.uk/academic_staff/further_details/evans-r.html

Dr. Sarah Foot

Pesquisadora da Universidade de Sheffield

A pesquisa de Sarah foca-se na Idade Média europeia, particularmente Alta Idade Média; seus interesses vão de ordens monásticas aos Vikings, de representação e narração do passado para a evolução da identidade britânica.

Sítio Internet: http://www.shef.ac.uk/history/staff/medieval/sarah_foot.html

Prof Rab Houston

Professor de História Moderna da Universidade de St. Andrews

Os interesses de Houston são a história social britânica e europeia nos primeiros séculos do período moderno. Publicou sobre a literatura britânica e europeia, história demográfica, urbanização e mudanças culturais. Ele é conhecido pelo seu trabalho sobre a Escócia dos séculos XVII e XVIII.

Sítio Internet: <http://www.st-andrews.ac.uk/academic/history/modhist/staff/hous/homepage.html>

Prof John Hudson

Professor de História Legal da Universidade de St. Andrews

Ensino e pesquisa voltados para a Inglaterra e França, dos séculos IX até o século XIII, em particular nos campos de direito, senhorio e literatura. Também ensina sobre a história cultural e intelectual deste período e outras áreas de especialização são a história escrita e os estudos do final do século XIX sobre a Inglaterra Medieval.

Sítio Internet: <http://www.st-andrews.ac.uk/academic/history/medhist/staff/huds.shtml>

Prof. Lisa Jardine

Professora e pesquisadora de estudos renascentistas da Universidade de Queen Mary

Seus interesses acadêmicos são a história intelectual do renascimento, a história dos primeiros períodos da cultura moderna e a história da revolução científica. Publicou vários livros no campo da crítica literária sobre autores renascentistas ingleses (Shakespeare, Erasmus, Sir Francis Bacon, entre outros.) E é membro de várias organizações de estudo de humanidades no Reino Unido, como por exemplo, o centro de estudos renascentista da Universidade de Cambridge.

Sítio Internet: <http://www.english.qmul.ac.uk/staff/jardine.html>

Dr Peter Jones

Professor de Filosofia Política da Universidade de Newcastle

Seus interesses de pesquisa são a filosofia política contemporânea, incluindo a natureza do liberalismo, as fundações da democracia, direitos do bem estar, liberdade de credo e expressão, direitos humanos, direitos coletivos, multiculturalismo e justiça internacional. Seus trabalhos correntes relatam com as diversidades de credito, valor cultura e as formas como esses direitos são vistos locais e globalmente.

Sítio Web: <http://www.ncl.ac.uk/geps/staff/profile/p.n.jones>

Prof. Denis Judd

Professor de História Britânica Imperial e Contemporânea da London Metropolitan University

Leciona sobre o império britânico e a contemporânea Commonwealth; Guerra dos Bôeres; Gandhi e nacionalismo indiano; britânica edwardiana; esportes e sociedade. Seus interesses em pesquisa são sobre o império britânico e commonwealth, de 1765 até 1970.

Sítio Internet: <http://www.londonmet.ac.uk/depts/hal/staff/denis-judd.cfm>

Prof. Ian Kershaw

Professor de história alemã da Universidade de Sheffield

Seus interesses de ensino incluem a história alemã do século XX e está trabalhando atualmente em pesquisa sobre o III Reich.

Sítio Internet: http://www.shef.ac.uk/history/staff/modern/ian_kershaw.html

Prof. Christopher Lee

Professor de História Britânica Contemporânea da Universidade de Cambridge

Autor de *This Sceptred Isle*, que ganhou vários prêmios e que cobria a história britânica dos romanos ao período vitoriano, tem em suas linhas de pesquisa a história militar e britânica, principalmente do período contemporâneo.

Prof. John Morrill

Professor de História Britânica e Irlandesa da Universidade de Cambridge

Especialista em história moderna britânica, principalmente dos períodos Stuart e Tudor. Seus principais períodos de interesse em pesquisa são: a história cultural, política, religiosa e social da Inglaterra, Irlanda e Escócia do século XV até a metade do século XVIII. Editou a obra *The Oxford Illustrated History of Tudor and Stuart Britain*.

Sítio Internet:

http://www.hist.cam.ac.uk/academic_staff/further_details/morrill.html

Prof. Kenneth O Morgan

Professor de História Moderna Britânica da Universidade de Oxford

Suas obras versam principalmente sobre a história do País de Gales. Editou *Wales 1880-1980, Rebirth of a Nation (Oxford University Press, 1981)*, entre outros.

Sítio Internet:

<http://users.comlab.ox.ac.uk/geraint.jones/about.welsh/books.html>

Dr Lisa Nevett

Pesquisadora de Arte Clássica e Arqueologia da Open University

Seus interesses são sobre a arte e a arqueologia das residências da Grécia antiga e de Roma; arquitetura antiga e espaço social; cultura material como fonte de história social. Dentre as publicações, inclui: *House and Society in the Ancient Greek World (CUP, 1999)*.

Sítio Internet: <http://www.umich.edu/~hartspc/histart/faculty/nevett.html>

Prof. Cormac Ó Gráda

Professor de História Econômica da University College Dublin, na Irlanda

Dentre suas áreas de especialização, incluem-se trabalhos e artigos em torno da história econômica da Europa, dentre elas, dedica-se às áreas de crescimento econômico, fome, imigração, principalmente sobre a História da Irlanda.

Sítio Internet: <http://ideas.repec.org/e/pog2.html>

Prof. Martin Pugh

Professor e pesquisador de História da Liverpool John Moores University

Prof. Simon Schama

Professor de História Britânica e História da Arte da Universidade de Columbia, nos EUA

Atualmente ensina sobre a cultura visual britânica (de 1945 até hoje), Mas tem pesquisas realizadas na área de arte holandesa do século XVII, política francesa do século XVIII, arte francesa do século XVIII. Cultura visual do Reino Unido entre os séculos XVI e XX. Publicou uma famosa obra sobre a história britânica intitulada *A History of Britain* (triologia).

Sítio Internet:

http://www.columbia.edu/cu/arthistory/html/dept_faculty_schama.html

CONCLUSÃO

Os desafios de se empreender uma publicação de história levam em conta tanto particularidades mercadológicas, que definem a viabilidade econômica, bem como as preocupações referentes ao conteúdo e ao projeto gráfico desta publicação. A contribuição e fontes de informação, para informar o leitor, também devem ser uma preocupação no processo editorial de publicação.

A publicação analisada no presente trabalho procura mesclar tanto uma necessidade de expor cultura, através da história e também promover um padrão jornalístico distinto que leve em conta as particularidade do mercado britânico de publicações.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Periodical Publishers Association. *"Publishing in The Knowledge Economy. Competitiveness analysis of the UK publishing media sector"*. PPA United Kingdom.

HERMAN, Edward S. CHOMSKY, Noam. *Manufacturing Consent: The Political Economy of the Mass Media*. New York. Pantheon Books, 1998 Pg. XV (Introduction).

Office for National Statistics. *The Official Yearbook of The United Kingdom of Great Britain and Northern Ireland*.

DAVENPORT, Hugo. *"Imagining the Past"*. Artigo de BBC History Magazine. Origin Publishing/BBC, Reino Unido, ed. Janeiro/2005.

ECLÉTICA - 2005

Publicação eventual do Departamento de História/FFLCH/USP.

A HISTÓRIA EM BANCAS DE JORNAL

Créditos:

Universidade de São Paulo

Reitor: Prof. Dr. Adolpho José Melfi

Vice-Reitor: Prof. Dr. Hélio Nogueira da Cruz

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Diretor: Prof. Dr. Sedi Hirano

Vice-Diretor: Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini

Departamento de História

Chefe: Prof. Dr. Modesto Florenzano

Suplente: Profa. Dra. Maria Lígia Prado

Responsável: Profa Dra. Raquel Glezer

Monitora PAE – Estágio de Preparação Pedagógica: Silene Ferreira Claro

Trabalho de curso da disciplina Teoria da História I – 0401 - Noturno - 1º. Sem. 2005.